
A INSUSTENTÁVEL QUALIDADE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL: UMA HISTÓRIA SEM FIM?

Jackeline Amantino de Andrade
UFPE

Reflexão

Falar sobre produção científica da Administração no Brasil não é fato novo. Há quase duas décadas o tema tem sido tratado por diversos autores no país. Todos eles apontam a qualidade como tópico central e crítico na produção nacional.

Por exemplo, no início dos anos de 1990, Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990) já indicavam a 'qualidade duvidosa' da produção científica brasileira em Administração, predominantemente funcionalista e de 'tom prescritivo'. No encerrar dessa década, não houve grande diferença. Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999) destacaram ainda a necessidade de se discutir a qualidade da produção no campo. Estes autores se aliaram a outros para enfatizar a condição periférica, a falta de originalidade, as deficiências epistemológica e metodológica, o mimetismo ao estrangeiro, entre outros aspectos, que limitam a expressividade da produção científica nacional.

Ao apontar os limites da qualidade a reflexão desses autores e de outros sobre o tema nos direcionam a duas questões chaves.

Em primeiro lugar, a pertinência cultural. Tem-se destacado não apenas o mimetismo, mas também uma submissão ao domínio do pensamento anglo-saxão na produção do conhecimento em Administração no Brasil. Tal fato é verificado em pesquisas sobre o 'estado da arte' no campo, constatando o predomínio de citações estrangeiras dessa origem. Salientando que a adoção acrítica de teorias 'estrangeiras' limita um desenvolvimento teórico independente, criativo e original do campo no país e em relação ao mundo.

Esta primeira questão remete a segunda, isto é, a inserção internacional da produção científica brasileira em Administração. Esta é a atual recomendação enfatizada pelo sistema brasileiro de pós-graduação de modo a nos situarmos dentro dos padrões de qualidade mundial. Dessa forma, somente são considerados programas de pós-graduação de excelência aqueles que apresentem um grau de inserção internacional significativo e, na sua mensuração, a produção científica tem peso considerável.

Ora se temos uma 'qualidade duvidosa' em nossa produção em referência aos padrões internos do campo no Brasil, seria diferente esta realidade quando a produção passa a ser avaliada sob os cânones daqueles que são hegemônicos mundialmente?

Basta apenas sermos miméticos, citá-los em profusão, acreditando que a produção científica brasileira em Administração ganhará legitimidade através da famosa postura do 'para inglês ver'?

A inserção internacional nos coloca novamente diante da pertinência cultural. Como já foi salientado por Carvalho, Goulart e Andrade (2005), trata-se de duas faces de uma mesma moeda referente à questão da qualidade da produção científica no campo. Mas acima de tudo, constitui um processo em que a pertinência cultural e a inserção internacional fortemente se inter-relacionam com outras questões, também fundamentais, que limitam a expressividade seja local ou global dessa produção, como por exemplo, a falta de originalidade e as deficiências epistemológica e metodológica.

Nesta reflexão proponho inicialmente retomar a questão da pertinência cultural trazendo alguns pontos que compreendo ser significativos para situarmos a discussão e o debate sobre a produção científica da Administração no país seja no que concerne a sua inserção nacional ou internacional. Falo em inserção nacional porque o sistema de pós-graduação em nossa área a partir deste ano nos apresenta indicativos claros sobre a valoração da publicação científica em periódicos seja nacional ou internacional.

Nesse sentido, a quantificação de nossa produção, inerente ao processo de avaliação do sistema de pós-graduação brasileiro, nos direciona a enfrentarmos a 'qualidade duvidosa' de nossa produção avaliada por nossos pares ao longo de quase duas décadas. No enfrentamento dessas questões parece importante retomar alguns dos limites já evidenciados e colocar outras questionamentos de modo a provocar o debate com vista ao seu desenvolvimento e amadurecimento do campo.

No que se constitui o nosso mimetismo?

Acredito que não somos miméticos apenas porque adotamos referenciais teóricos 'estrangeiros', como por exemplo, Habermas, Bourdieu, Weber, etc. Devemos reconhecer que ao desenvolver nosso trabalho científico a partir desses autores, temos a possibilidade de um aprofundamento epistemológico e, mais do que isso, de libertação das amarras inerentes ao funcionalismo de 'tom prescritivo' que tanto domina o campo no Brasil.

O problema está em como nos “apropriamos” desse conhecimento, no termo definido por Guerreiro Ramos. Pois, dada as ‘deficiências epistemológicas’, esquecemos de fazer uma dupla “redução sociológica” no sentido proposto também por Guerreiro Ramos (1958). A primeira é apropriar conceitos produzidos por esses autores em termos universais a partir do seu contexto ao contexto especificamente brasileiro. A segunda é uma apropriação coerente desses mesmos conceitos no nosso campo específico de estudo.

Normalmente, isso não ocorre e, por isso, é salientado o mimetismo acrítico de nossa produção como se autores, tais como Michel Foucault entre outros tantos, ou até mesmo Max Weber, tivessem produzido conceitos para tratar especificamente dos fenômenos organizacionais. Esta é uma leitura e um uso ingênuo da teoria, como diria Guerreiro, que torna nossa produção científica mais do que mimética, ingênua e distanciada da possibilidade de contribuir na *produção* de conhecimento no campo.

A pertinência cultural de nossa produção científica não está, portanto, exclusivamente na origem de nossas citações. Se assim acreditarmos, corremos o risco de um ufanismo incoerente com a própria universalidade que é inerente ao conhecimento científico e até mesmo artístico.

O mimetismo que compromete a qualidade de nossa produção ocorre no que pode ser identificada como uma contradição perniciosa entre a produção e a reprodução de conhecimento.

Em que se distinguem produção e reprodução?

A primeira é original, criativa, independente. Um conjunto de características, ou melhor, de qualidades que não foram identificadas por nossos pares ao questionar sobre a qualidade de nossa produção científica nestes últimos anos. Refere-se a criar um valor.

Por sua vez, a reprodução indica imitar, copiar, repetir-se.

Esse ‘comportamento’ reprodutivo não sendo criador produz um conservadorismo que ao invés de auxiliar acaba por comprometer a nossa produção. Não estou falando aqui evidentemente no sentido da acumulação do conhecimento que é inerente à ciência.

Podemos inferir assim nesse ‘comportamento’ uma outra contradição no campo, isto é, o contexto que é alvo de inserção. A repetição epistemológica e metodológica de cânones reconhecidos de países centrais visa a legitimidade especificamente no contexto nacional. Reproduzimos o estrangeiro para sermos legítimos em nosso país, mesmo correndo o risco de ao transpor ‘idéias fora do lugar’ não nos situarmos no contexto mundial. Ou seja, o contexto de referência primordial não é o internacional.

Sob uma lógica do “publicar ou perecer” própria deste lado do equador, salientada por Carlos Osmar Bertero no editorial da RAE- Eletrônica, número 1 deste ano, temos uma leitura não aprofundada e posicionada do que é produzido no estrangeiro. De modo que nossas cópias não são nem mesmo para ‘inglês ver’. O que não permite, por exemplo, o desenvolvimento de estudos comparados entre países e mesmo o estabelecimento de debates teóricos e metodológicos frutíferos. Há evidentemente exceções!

Temos uma ‘reprodução’ acomodada. O uso de citações estrangeiras é mais para fins internos do que externos. Internamente, não nos lemos nem tão pouco nos citamos e, assim, não são criados meios e trocas que possibilitem o desenvolvimento de uma produção nacional consistente e facilitadora de uma inserção posicionada da produção científica brasileira em Administração, na sua multiplicidade ‘paradigmática’, internacionalmente. Diante desse comodismo, um outro questionamento.

Para onde nos leva essa acomodação?

A lugar nenhum. Principalmente, se considerados os padrões de internacionalização definidos pelo sistema nacional de pós-graduação.

O herói brasileiro, Macunaína, precisa mudar sua fala: “Aí que preguiça!”. Com isso não estou aqui a defender o produtivismo insano que tem marcado o campo nestes últimos anos. Nem poderia. Esse produtivismo nos conduz exatamente aos problemas da reprodução, a falta da ‘redução sociológica’, ao aprofundamento de deficiências epistemológicas e metodológicas, a falta de criatividade e originalidade, entre outros.

Como tem sido destacado, há mais de uma década, quantidade é o que não falta. A perda da preguiça é relativa à qualidade e isso nos reporta a aspectos que são inerentes à avaliação da produção científica.

Compreendo que avaliação da produção de pares e alunos é fundamental para conservarmos ou transformarmos essa realidade qualitativamente duvidosa há tempos destacada e que se torna insustentável em face da internacionalização. Entretanto, para tal fim será preciso um equilíbrio entre a necessidade de critérios comuns ao campo e o respeito às diferenças 'paradigmáticas'.

Desse modo, a definição de critérios claros e objetivos que qualificam a avaliação não pode ser refratária a uma diversidade epistemológica e metodológica que aporta em si um potencial de criatividade e originalidade para a produção nacional e sua inserção internacional. Ao sermos refratários podemos estar dando um tiro no pé! Mais uma vez trabalhando sob o vício das 'idéias fora do lugar' destacado por Schwarz (2001).

Ou seja, reproduzindo na metade da primeira década do 'novo milênio' discussões e debates, por nós bem conhecidos, que ocuparam o contexto anglo-saxão ainda na década de 1990. Destacar a diversidade no campo não significa fragmentá-lo, pois é preciso diferenciar a cacofonia da polissemia.

A cacofonia é a produção de um som desagradável, a polissemia se refere às muitas significações que tem uma palavra.

Certamente, o som desagradável é insuportável em qualquer gênero musical dos clássicos ao hip hop. O fato de não apreciarmos um gênero em especial não implica que este seja desagradável àqueles que o apreciam. São diferentes escolhas e posicionamentos em face ao gosto musical.

A polissemia implica em reconhecer que para uma palavra existe mais de uma significação. Quando falamos ciência não há apenas a significação de uma 'ciência normal' como alguns querem propor. Fala-se que ciência é poder, numa ciência aristotélica, numa ciência escolástica, sobre a ciência natural, a ciência positiva, a ciência humana e assim por diante.

O que precisamos é aprofundar o nosso conhecimento e discussão sobre as bases epistemológicas de uma 'ciência administrativa'. Reconhecer que de certo modo a fragilidade epistemológica e metodológica no campo decorre, por um lado, em termos nos tornados prisioneiros de quadrantes paradigmáticos traçados em eixos cartesianos por Burrell e Morgan (1979) e, de outro, pela adesão às 'pequenas narrativas' pós-modernas sem ao menos conhecer as meta-narrativas que aparentemente tiveram seu fim decretado.

Se há uma fragmentação no campo, esta se refere a *puzzles* nos quais as peças não se encaixam dada as nossas deficiências tanto epistemológica como metodológica. Isso é uma realidade a ser enfrentada se queremos falar em qualidade, em pertinência cultural e inserção internacional.

Não é mais possível adotar referenciais teóricos tipicamente estrutural-funcionalistas querendo ser críticos. Pois, "todo o conhecimento crítico tem que começar pela crítica do conhecimento" (SANTOS, 2000, p. 29) e não pode ficar reduzido a realidade do que existe; a reflexão crítica deve estar sempre voltada à transformação. Mas, ao negar a realidade de modo crítico não significa torna-se relativista. A crítica trata de uma materialidade fundamentalmente histórica a ser transformada, tem um sentido prático, no entanto, diferente da aplicabilidade funcional. São diferenças a serem reconhecidas, aceitas e assumidas.

Por outro lado, a bipolaridade quase esquizofrênica entre pesquisa quantitativa e qualitativa, que parece ser interpretada como se ao escolhermos um lado definimos a nossa condição epistemológica decretando aos quantitativistas a condição de funcionalistas/positivistas e aos qualitativistas a condição de anti-positivistas/interpretativistas, deve ser repensada. Desse modo, a profusão de pesquisas desenhadas como estudos de caso para os quais se atribui um caráter qualitativo reforçado por uma 'análise de discurso', em vez de representar uma escolha de método adequado às bases epistemológicas da pesquisa acaba por fortalecer as já referidas deficiências.

Isso não implica que uma abordagem estrutural-funcionalista deva obrigatoriamente adotar questionários, análises fatoriais, etc. Essa idéia contradiz aquilo dito anteriormente sobre a bipolaridade. Mas, é preciso fazer atenção ao 'estudo do método' (metodologia), compreendo,

por exemplo, que a análise de discurso constitui-se num método da lingüística composto por diferentes escolas baseadas em diferente *epistemes*

Uma saída para esse desencaixe está no reconhecimento da existência de diferentes *epistemes* e na sua exata compreensão. De acordo com Michel Foucault diferentes *epistemes* marcam diferentes possibilidades de pensamento e conhecimento ao longo da história, sem que haja uma linearidade progressiva na passagem de uma a outra. A *episteme* é um espaço comum de conhecimento onde saberes tornam-se enunciáveis sendo subjacente a toda cultura e a todo conhecimento.

No meu entendimento deixaremos de ser acomodados quando compreendermos e nos esforçarmos em desenvolver espaços epistêmicos com nossos pares, nossos alunos e orientandos e todos aqueles disponíveis a troca de saberes. Tais espaços possibilitariam a formação de redes densas para uma enunciação comum tanto epistemológica como metodológica de modo a tornar os critérios de avaliação da produção objetivos e claros, favorecendo sua consolidação qualificada tanto nacional como internacional.

REFERÊNCIAS

- BERTERO, C. O.; CALDAS, M. P.; WOOD JR., T.. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate. **Revista de Administração Contemporânea**. v. 3, n. 1, p. 147-178, 1999.
- BURRELL, G; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann, 1979.
- CARVALHO, C.; GOULART, S. ANDRADE, J.A. Internacionalização subordinada. É possível subverter as regras do jogo! In: XXIX ENCONTRO ANUAL DA ANPAD (2005: Brasília) **Anais...** Brasília, 2005. CD.
- MACHADO-DA-SILVA, C.L.; CUNHA, V.C. DA; AMBONI, N. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: XIV ENCONTRO ANUAL DA ANPAD (1990: Florianópolis) **Anais...** Florianópolis, 1990.
- SANTOS, B.de S. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- SCHWARZ, R. **Cultura e política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.